GRAMATICALIZAÇÃO: MOTIVAÇÕES SOCIAIS SUBJACENTES À DISSEMINAÇÃO DAS INOVAÇÕES

Maria Alice Tavares
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO
Análise indícios da disseminação social dos conectores sequenciadores ai e dai em Florianópolis (SC). Essa disseminação é parte de um processo de gramaticalização, e avança sob a influência de duas motivações de natureza social: (i) a valorização desfavorável atribuída a ai e a dai pela comunidade de fala; (ii) a necessidade de marcação identitária, provavelmente subjacente à superutilização do dai por pré-adolescentes.

ABSTRACT
I analyze evidences of social spread of sequence connectors ai and dai in Florianópolis. Their spread is part of a grammaticalization process, and advances under the influence of two social motivations in particular: (i) the negative valuation of ai and dai in the speech community; (ii) identity marketing needs, which probably underlie the over use of dai by preteens.

PALAVRAS-CHAVE
gramaticalização, motivações sociais; sequenciação

KEY WORDS
grammaticalization, social motivations; sequencing

Introdução
"Mas em nossa própria língua é difícil não cair na torrente de emoções provocada pelo contraste entre novos e antigos modos de dizer a mesma coisa." (Labov, 2001:04)

O tratamento funcionalista da língua fundamenta-se na aceitação, em maior ou menor grau, do (meta)princípio da iconicidade, segundo o qual as estruturas linguísticas tendem a refletir e a ser pressionadas por funções (cf. Givón, 1990). Se algo é posto em uso, o é por conta de algum papel que desempenha no discurso. A iconicidade não implica, porém, a existência de correspondências biunívocas e não arbitrárias do tipo representado pela fórmula 1:1 (isto é, para cada forma há uma função). Formas e funções estão sempre em mobilidade, havendo não raro mais de uma forma para cada função e mais de uma função para cada forma. A iconicidade que caracteriza a língua reside no fato de que as formas são usadas sob influência de um conjunto de motivações funcionais.

O discurso é definido como uma cadeia de fluxo linear contínuo composta por um conjunto de estratégias diversificadas de concatenação e encaixamento de fórmulas lexicais e gramaticais, organizadas de modo criativo pelo falante com o intuito de adaptar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação de comunicação. A gramática é um repertório de estratégias rotinizadas de construção de discursos: fórmulas linguísticas e recursos retóricos envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais, inicialmente criativos e expressivos, tornam-se habituais por recorrerem em certo tipo de contexto interacional (Hopper, 1987). A gramática, portanto, é aberta, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, respondendo a pressões diversas - cognitivas, comunicativas, estruturais e sociais, que continuamente interagem e se confrontam.

O movimento de rotinização gramatical é denominado gramaticalização, caracterizado como o processo de regularização gradual pelo qual uma estratégia frequentemente utilizada em situações comunicativas específicas adquire função gramatical. A frequência de exposição e de uso das fórmulas gramaticais é de grande importância para o estabelecimento e a manutenção da gramática: sua representação cognitiva é afetada pelo contato do usuário da língua com repetidas instâncias de uso no sentido de que tokens da experiência fortalecem os exemplares armazenados (Pietruch, 2001; Bybee e Hopper, 2001).

Abordagens pautadas na perspectiva da gramaticalização costumam buscar explicar para a mudança postulando motivações de ordem funcional (entendidas como cognitivas e/ou comunicativas), que estariam subjacentes às alterações sofridas pelas formas linguísticas. Recentemente, o foco dos estudos voltados ao fenômeno da emergência de itens gramaticais tem sido dirigido também para as motivações de natureza social (cf. Bisang, 1998; Giannini, 1998; Androutsopoulos, 1999), passíveis de contribuir para a propagação das inovações ao longo do espectro social e, adicionalmente, em certos casos, para o próprio desenvolvimento do processo de mudança funcional² em direção a níveis ainda maiores gramaticais.

Pesquisadores funcionais que lidam mais diretamente com traços sociais costumam ter como fonte a sociolinguística variacionista, empregando seus conceitos e mesmo seus termos. Por exemplo, Androutsopoulos (1999) cita estudos variacionistas (mais especificamente, Labov (1972a) e Kerswill (1966)) em seu estudo de gramaticalização de marcadores discursivos na fala dos jovens - fáixa etária em que pode haver um pico de mudança. É digno de nota que Androutsopoulos adapta a tradicional expressão de Labov, “mudança em andamento”, para “gramaticalização em andamento”, tecendo, no seu estudo de gramaticalização, uma conversa com a sociolinguística.

Foi a sociolinguística variacionista que primeiro se voltou para a face social da variação e da mudança, um dos pilares de sua constituição na década de 60, fundamentada na proposição de que era possível estudar a heterogeneidade linguística levando em conta a relação entre a língua e a sociedade. Em contraste, os primeiros estudos de gramaticalização destacando considerações de ordem social de que tenho notícia datam da década de 90. Ressalte-se também que é a sociolinguística que até hoje investiga com mais profundidade a relação entre língua e sociedade, considerando-a diretamente vinculada à mudança linguística.
Uma parte importante da investigação das origens sociais da mudança linguística levada a cabo pela sociolinguística foi a identificação dos grupos de falantes que são “responsáveis” pela disseminação das inovações. Os traços que têem sido mais relevantes para a identificação de tais grupos distribuem-se entre aqueles adscritos ao falante (como sexo e idade) e aqueles por ele adquiridos (como classe sócio-económica e escolaridade). Grupos sociais específicos, organizados de acordo os traços supracitados, podem influir na velocidade de disseminação das inovações oriundas da gramaticalização, ao assujeitarem-se a motivações como: (i) a valorização atribuída às formas pela comunidade de fala; (ii) questões de marcação identitária.

Com o objetivo de averiguar a possibilidade de tais motivações intervirem nos rumos do processo de gramaticalização, analise o caso da sequência retroativo-propulsora de informações em Florianópolis (SC), percutindo indícios da difusão, em diferentes estratos dessa comunidade de fala, das estratégias mais recentes de codificação da sequenciência, aí e dai, em detrimento das mais antigas, e então. Busco respostas para questões como: Qual a direção das pressões exercidas pelas motivações sociais correlacionadas à utilização dos sequenciadores e, aí, dai, e então? Qual o grau de espartamento das formas inovadoras ao longo dos grupos sociais? Há retração de uso das formas mais antigas em alguns dos grupos considerados? Quais as implicações de avanços e de recuos de uso dos sequenciadores ao longo de diferentes esferas da comunidade de fala para o seu processo de rotinização como itens gramaticais?

O referencial teórico que conduz a investigação integra pressupostos teórico-metodológicos de duas teorias que vinham sendo desenvolvidas em separado no âmbito da linguística até cerca do final da década de 80: (i) o funcionalismo linguístico voltado ao estudo da gramaticalização, com especial atenção às propostas de Hopper e Givón, e (ii) a sociolinguística variacionista de Labov. As visões de mudança oferecidas por cada uma dessas perspectivas não são excludentes, o que em muito facilita tentativas de integração (cf. seção 1). Para denominar a


O artigo está organizado da seguinte forma: apresentação do referencial teórico e, logo a seguir, da sequenciação retroativo-propulsora. Na sequência, constam os procedimentos metodológicos, a análise dos resultados e as considerações finais.

1. Motivações sociais sob a perspectiva sociofuncionalista: levando adiante a mudança

O funcionalismo e a sociolinguística variacionista apresentam diversos postulados em comum, dentre os quais destaco: (i) é prioritária a língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança (cf. Givón, 1995; Weinreich, Labov & Herzog, 1968); (ii) os fenômenos linguísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem (cf. Bybee & Hopper, 2001; Labov, 1972a/b); (iii) a língua está continuamente se movendo, mudando e interagindo (cf. Hopper, 1987; Guy, 1995); (iv) a mudança espalha-se de forma gradual ao longo do espectro social, considerando-se fatores como região, geração, classe social, etc., sendo o aumento de frequência de uso compreendido como índice de difusão sociolinguística (cf. Hopper & Traugott, 1993; Labov, 1972 a/b, 2001).

Essa semelhança de preceitos respalda a possibilidade de um duplo enfoque teórico, como o desenvolvido aqui. No entanto, há vários aspectos cuja convergência não é tão simples e que necessitam ser pontuados. Iniciemos pela oposição entre tomar como objeto diferentes formas para uma só forma. Poucos estudos de gramaticalização têm focalizado ao mesmo tempo duas ou mais formas, optando, ao invés, por lançar o olhar sobre os estágios de mudança por que passa.
um só item ou construção. Esse é o caso, por exemplo, dos estudos sobre a marca de futuro do inglês be going to, sobre as conjunções do inglês while e since, sobre os marcadores de interrogação em línguas europeias, entre outros (Traugott, 1982; Heine et alii, 1991; Hopper e Traugott, 1993; Ramat, 1998). Por outro lado, os estudos variacionis-
tas têm por alvo a variabilidade linguística, o que obrigatoriamente os faz agrupar dois ou mais itens linguísticos para analisá-los como vari-
antes – o requisito mínimo para o ponto de inicial da investigação é a 
estância da existência de duas ou mais formas em variação.

O princípio de estratificação, proposto por Hopper (1991) como uma das maneiras de diagnosticar a ocorrência da gramaticaliza-
cão, permite a convergência entre tais objetos de estudo, pois prevê que, dentro de um domínio funcional,5 emergem continuamente novas camadas para desempenhar funções que em geral já são exibi-
das por outras formas, mais antigas no ramo. A análise somente será completa se forem levadas em conta todas as camadas – sejam as mais jovens, sejam as mais idosas –, pois é o uso dado a cada uma que define os rumos do domínio como um todo. Emparelha-se assim o objeto dos estudos dos da gramaticalização com o objeto dos estudos da variação, dando origem ao objeto dos sociofuncio-

A partir dessa convergência, temos de questionar se o que as camadas/variantes possuem em comum – aquilo que permite que sejam consideradas, em termos funcionalistas, camadas de um mesmo domínio ou, em termos da sociolinguística, variantes de uma mesma variável – é o mesmo significado (conforme a teoria ‘mãe’ variação) ou a mesma função (conforme a teoria ‘mãe’ funcio-

A sociolinguística privilégia como critério para o estabele-

ção do significado: as formas devem se referir ao mesmo estado de coisas (Labov, 1978). Em contraste, o princípio de estratifica-

ção pressupõe que o que caracteriza as camadas habitantes de um mesmo domínio é a igualdade no plano funcional. A melhor solu-
ção parece ser a afrouxamento do critério pelo qual as variantes costumam ser agrupadas: itens em relação de estratificação/varia-
ção podem manifestar ou não o mesmo significado, conquanto exibam a mesma função.6

As camadas/variantes emergem na gramática em diferentes épo-
cas e passam a conviver e a competir por espaço com as demais tanto na gramática dos indivíduos quanto na gramática da comunidade. Têm seu uso condicionado pela interação de motivações cognitivas, comunicativas e sociais, que, se constituem em armas que cada cama-
da/variante possui, fazendo-a avançar, estacionar ou recuar em seu processo de mudança. Neste estudo, são postas em evidência duas motivações de natureza social:

A valorização atribuída às formas: A propagação da mudança depende dos valores associados às inovações linguísticas, que, em geral, não recebem valorização positiva.7 Se uma dada forma é considerada de menor status, isto é, como não pertinente à língua padrão/culta, sua utilização deve ser influenciada por tal avaliação negati-
va. Por exemplo, aparecerá com mais frequência na fala de indivíduos de menor idade e escolaridade, que costumam dar maior prefe-
ência às formas não padrão, se comparados aos indivíduos de mais idade e escolaridade (cf. Labov, 1972, 1990; Chambers, 1995).

Marcador de identidade: Falantes mais jovens tendem a tomar for-

mas estigmatizadas e/ou inovadoras como marcas típicas do grupo de pares (cf. Labov, 1972, 1990; Chambers, 1995). A par disso, como os mais jovens tendem a super utilizar as marcas linguísticas identitárias, podem acabar acelerando o andamento de seu proces-
so de gramaticalização, contribuindo, por meio da grande recorrência, não apenas para a difusão das formas, mas para a própria alte-
ração em seus padrões semântico-pragmáticos e/ou morfossintá-

cos de uso, conduzindo-as para níveis mais gramaticais.
A direção da atuação dessas motivações sobre a propagação das camadas/variantes mais recentes da sequênciação na comunidade de fala Florianopolitana é perscrutada através do controle dos grupos de fatores sociais idade, escolaridade e sexo.

Labov (1972) relaciona o termo mudança à fase de difusão social e não à inovação em si. No prisma da gramaticalização, a mudança ocorre em duas etapas indissociáveis: (i) a emergência de novas estratégias gramaticais quando da negociação e da adaptação de fórmulas discursivas pelos interlocutores em situação de interação; (ii) o processo sociolinguístico de propagação das inovações (Hopper & Traugott, 1993). É para esta última etapa que ora atento, observando o grau de disseminação de ai e de dai em diferentes estratos da comunidade de fala de Florianópolis.

Ai e dai já estão regularizados como sequenciadores, uma vez que surgem recorrentemente na fala de vários florinaropolitanos, exibindo a relação de continuidade e consonância entre informações. Todavia, a gramaticalização é um processo contínuo. Se alguma alteração estiver acontecendo atualmente, um diagnóstico pode ser obtido por meio da distribuição dos sequenciadores de acordo com a estratificação etária dos falantes. Caso notemos um aumento na taxa de aparecimento do ai e do dai na fala de cada geração mais nova, teremos boas evidências de mudança em andamento, no sentido de: (i) ai e dai estarem ocupando pouco o espaço de e então, podendo mesmo vir a predominar na função de sequenciador, em detrimento das formas mais antigas; (ii) ai e dai estarem avançando rumo a uma maior rotinização como estratégias sequenciadoras, quanto mais freqüente uma forma, maior o seu grau de penetração na gramática.

Para estudar a mudança em andamento, a sociolinguística variacionista confia na hipótese de que o vernáculo8 de um indivíduo de uma certa faixa etária permanece essencialmente o mesmo a despeito da passagem dos anos, o que permite que se compare a fala de pessoas de diferentes idades para observar diferentes estágios da língua (processo metodológico denominado “análise da mudança em tempo aparente”). A aquisição da língua seria finalizada até o final da adolescência e ela se mantém intacta pelo resto da vida, do que resultaria que, ao analisarmos a fala de uma pessoa de sessenta anos hoje, teríamos um reflexo do sistema que estava sendo adquirido por volta dos anos cinquenta (cf. Labov, 1994:28, 1981:181; Silva & Paiva, 1996:353). A concepção subjacente a este tipo de análise é a de que a mudança linguística avança em progressão genesica: uma camada/variante inovadora que ocorre com baixa frequência na fala dos idosos ocorre com mais frequência na fala dos adultos e mais ainda na fala dos jovens, configurando, com o passar do tempo, uma mudança na comunidade de fala.

Contrário, Labov (2001:438) aponta que temos de ser cuidadosos ao assumir a perspectiva de análise da mudança em tempo aparente, pois o pressuposto de fixação do sistema linguístico ao final da puberdade não é balizado em alguns casos. Exceções têm emergido de análises empíricas, envolvendo tanto mudança morfossintática quanto fonológica.9 Por essa razão, Labov (op. cit) e Kerwill (1956:179) atentam que a concepção de estabilidade do vernáculo após a adolescência talvez precise ser revisada ou ao menos relativizada à cada situação de variação. Estudos têm revelado que adultos em torno de trinta a quarenta anos aparentemente perderam grande parte da habilidade de mudar seu sistema linguístico, mas ainda assim não se pode afirmar que possuam um sistema rígido e imutável.10

A solução sugerida por Labov, em termos de procedimentos metodológicos, é não confiar tão somente em resultados relativos a distribuição etária dos informantes como fonte para a constatação da existência ou não de um fenômeno de mudança em andamento, mas também buscar informações em fontes diversas – por exemplo, analisando-se as demais distribuições sociolinguísticas obtidas e valendo-se de dados de tempo real.11

Nessa linha, considero os demais grupos de fatores sociais controlados como possíveis fornecedores de indícios complementares acerca dos caminhos de mudança seguidos por e, ai, dai e então, que,
por hipótese, têm seus padrões de uso alterados pela pressão de forças de natureza social – a valorização atribuída às formas e a questão da marcação identitária. Todavia, não apresento, por uma questão de espaço, resultados corroboradores provindos de análises de mudança em tempo real.12

2. A sequenciação de informações e suas camadas/variantes

A sequenciação retroativo-propulsora de informações é o domínio funcional responsável pelo estabelecimento de uma relação coesiva entre um enunciado precedente e um posterior, gerando a expectativa de que algo novo será introduzido no discurso, em continuidade e consonância com o já dito. Essa relação é codificada, em Florianópolis, especialmente por quatro conectores e, ai, dai e então, que aparecem repetidamente em contextos de sequenciação, o que permite considerá-los camadas/variantes regularmente em ação nesse domínio.

A sequenciação ecce partes do discurso de proporções variadas, desde informações conectadas localmente em orações, a tópicos/assuntos conectados globalmente. É, portanto, uma função de natureza relacional, pertinente ao âmbito gramatical. Mas qual é o seu significado? É o valor14 de indicar um ponto passado no discurso (a retroação), e, ao mesmo tempo, de indicar um ponto futuro (a propulsão), que se relaciona com o primeiro por se seguir a ele. Assim, direciona para frente, para a continuação do discurso, evidenciando que o que foi dito anteriormente é uma fonte de informações para o que será dito depois. Trata-se de uma função-significação (cf. Nichols, 1984), isto é, um significado que reflete o contexto comunicativo, dependendo fortemente de informação contextual para ser preenchido.

Diferenciando, com base nas amostras consideradas, cinco subfunções da sequenciação: (i) sequenciação textual; uma estratégia linguística coesiva que assinala a ordem pela qual as unidades conectadas sucedem-se ao longo do tempo discursivo (cf. (1)); (ii) sequenciação temporalk as informações introduzidas sucedem-se temporalmente em relação às informações já dadas (cf. (2)); (iii) introdução de efeito: as informações introduzidas representam conseqüência ou conclusão em relação ao que foi dito previamente (cf. (3)); (iv) recolocação: ocorre um movimento de recuperação do fluxo temático anterior, interrompido por uma digressão (cf. (4)); (v) finalização: caracteriza-se pela adição de uma oração que sinaíiza o final de um tópico/assunto (cf. (5)). Embora e, ai, dai e então apareçam vinculados a todas as subfunções sequenciadoras, exemplifico com apenas um dado de cada por uma questão de espaço:

(1) E eu fui lá. A criança está amarrada assim numa corrente. Criança tem treze anos. Então é uma família que o pai teve um acidente, não trabalha. Ganha o salário mínimo. (TE/FLP16:645)15
(2) Ele pegava o bambu, pegava amarrava uma tocha e tocava fogo. (JQ/FLP01:1233)
(3) A gente dava o banho, dava um purgante, ai a criança ficava boa. (NT/FLP08:588)
(4) Uma moça que ela era freira, era noviça, né? Eu adoro filmes assim. Realmente é dois. Eu gosto de filmes assim. Lá uma vez ou outra eu gosto de assis- de filmes de guerra, assim como Rambo, essas coisas assim. Mas não é filme que me atrai, né? E ela é noviça. E ela- ela- onde ela estava, que ela foi estudar, ela queria sair, ela queria conhecer a vida fora. (JU/FLP11:1325)
(5) Ai fez gol, mas eu nem sabia, depois que o meu pai falou: “Foi gol!” Nem o Rafael, uns amigos do meu pai que se casou até ontem, ninguém sabia. Aí depois eu: “Foi zero a zero, né pai?” “Claro que não, foi um a zero.” Ai a a J: “Ah, mas tu não prestou atenção, só vai mesmo pra comer, não fala nada.” Ah, meu deus! Dai é assim. (CA/FLP03C:28)

E, ai, dai e então são opções disponíveis na gramática da comunidade de fala, sendo postos variavelmente em funcionamento quando
há a necessidade de marcar a sequenciação. Encontrei inclusive casos de uso muito semelhantes, como os seguintes, envolvendo verbos *dizer* e *dizer*, em situação de sequenciação temporal:


(7) A pessoa já está vendo que terminou, então vai na pessoa que é encarregada, então diz a ela: "Está faltando uma caixa de tomate", ou "está faltando vinagre" ou "está faltando tal coisa", aí ela pega o pedaço, dá o pedaço, a pessoa tem saca pra continuar o serviço. (ID/FLP07:469)

(8) Ela falou: "Ah, vai ser menino e o nome vai ser Mateus." Aí eu disse assim: "Então, se for menina, te bota o nome de Bárbara, porque eu gosto." Dei nascendo menina, daí ela botou. (DE/FLP06:552)

(9) Dei ela diz: "Ah, vai fazer deveres" "Não tem deveres." Dei ela diz: "Ah, que escola é essa que nunca tem deveres, professor nunca passa deveres?" (DE/FLP06:188)

*Aí e daí* adcentaram o domínio da sequenciação bastante recentemente, se comparados a e e então, cujo tempo de serviço é longo. Foi como sequenciação que o e surgir no português, provindo da conjunção latina *et.* Então também já era utilizado nesse papel nos primórdios da língua portuguesa (séculos XIII e XIV). Quanto a *aí* e *daí*, é indefinida a época em que surgiram seus empregos concretos (não encontrei nenhum registro acerca disso). Acredito que seus usos sequenciais tenham surgido apenas em língua portuguesa e em tempos não tão antigos, pois, mesmo buscando por eles em diversos textos do século XIII ao XX, não obtive dados em maniches escritos a partir da primeira metade do século XX (Tavares, 2003). Além disso, em um estudo comparando os domínios da sequenciação na fala do português brasileiro e do português europeu, não localizei nenhum dado do *aí* e do *daí* como conectores além mar, o que é forte indício de que se desenvolveram apenas no português brasileiro (Tavares, 2002).

Como *aí* e *daí* sequenciais são migrantes tardíos, é provável que seu processo de disseminação social esteja ainda em progresso. A segmentação da comunidade florianopolitana em grupos menores, relativos a diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e gênero, poderá ser reveladora do grau de penetração de *aí* e *daí* em ambientes sociais distintos, e também mostrar a reação de e e de então frente à invasão de seu território por parte dos novos sequenciais. Apenas a entrada de novos membros em um domínio funcional não provocaria embates de morte, mas um grande aumento da frequência de uso destes poderia levar à retração da utilização de velhas formas e mesmo ao seu desaparecimento, ao menos em alguns dos micro-cosmos da comunidade. Seria o caso em Florianópolis?

3. Procedimentos metodológicos

A escolha dos grupos de fatores sociais a serem controlados deve-se à organização do banco de dados utilizado: o Banco VAR-SUL/UFSC, constituído por entrevistas feitas com informantes distribuídos homogeneamente em células sociais de acordo com os traços *sexo, idade e escolaridade*. Foi uso de dados referentes ao corpus da região urbana do município de Florianópolis, constituído por 36 entrevistas de informantes mulheres e homens, de três faixas etárias (15 a 21 anos; de 25 a 45 anos; mais de 50 anos) e três níveis de escolaridade (quatro anos; oito anos; onze anos). Analisou também 12 entrevistas com informantes de 09 a 12 anos, de ambos os sexos e cursando a 3a à 6a série do ensino fundamental. Como e, aí, daí e então são bastante recorrentes na fala, considero apenas os trinta minutos finais das entrevistas. Obteve um total de 4.300 dados com a seguinte distribuição: e = 1.790; aí = 925; daí = 890; então = 694. Os dados codificados foram submetidos a tratamento estatístico através do pacote VARBRUL (Piñeau, 1988), para cálculo de frequências, percentuais e pesos relativos, e para a identificação da ordem de significância dos grupos de fatores considerados. Nas seções seguintes...
tes, esses grupos são expostos consoante sua ordem de relevância para a opção por um dentre os sequenciadores: (i) idade; (ii) escolaridade; (iii) sexo.

4. Falando em Florianópolis: idade, escolaridade e sexo

4.1. Idade - abuso adolescente?

4.1.1. Caracterização e hipóteses

Entender os efeitos da idade sobre a língua requer entender as mudanças nas relações sociais ao longo de nossas histórias de vida. Passamos por afiliações a sucessivos grupos de referência e socialização, em estágios que, segundo Chambers (1995: 59), podem ser sintetizados do seguinte modo: (i) na infância, o vernáculo é desenvolvido sob influência da família e dos amigos; (ii) na adolescência, as normas vernáculares sofrem aceleração sob pressão de redes densas; (iii) no início da vida adulta, a estandardização tende a se intensificar e, uma vez que os traços do socioleto estão estabelecidos na fala, eles permanecem relativamente estáveis para o resto da vida. É no período da adolescência que os indivíduos comumente sentem necessidade de, por um lado, distinguir-se dos adultos e, por outro, aproximá-los de companheiros da mesma idade ou um pouco mais velhos. Nesse processo de busca da identidade, formas já existentes na região podem ser tomadas como marcas identitárias, havendo predileção por aquelas que fôgem à língua padrão/culta.

Busquei propor, no conjunto de 48 informantes que, nesta pesquisa, representam a comunidade de fala de Florianópolis, recortes no contínuo etário que fossem consoantes às etapas de vida supracitadas. Contemplo, pois, quatro faixas etárias: de 09 a 12 anos (pré-adolescentes, em pleno processo de alinhamento a um grupo de amigos); de 15 a 21 anos (envolvimento em grupos adolescentes, finalização da escolarização secundária e orientação ao grupo de trabalho mais amplo e/ou universidade); de 25 a 45 anos (emprego regular e/ou responsabilidades familiaridades); acima de 50 anos (diminuição da força do trabalho e aposentadoria).

Dois dentre os sequenciadores sob análise - à e dei - costumam ser considerados de menor status, isto é, trata-se de conectores que não fazem parte do conjunto de formas pertencentes à língua padrão/culta. Sua utilização é, provavelmente, influenciada por tal avaliação negativa: à e dei devem ser mais recorrentes na fala dos indivíduos mais jovens, de 09 a 12 anos e de 15 a 21 anos, ao passo que os indivíduos de mais idade devem dar preferência para e para então, os quais não são considerados conectores de menor status.

Pautando tal previsão, está a hipótese de que duas motivações sociais atuam em oposição na comunidade de fala florianopolitana: (i) a necessidade de afirmação da identidade levaria a uma maior frequência de formas de menor status, como à e dei, na fala das pessoas com menos de 21 anos; (ii) o caráter estigmatizado desses conectores resultaria em sua menor recorrência na fala das pessoas com mais de 25 anos, talvez em razão de um maior envolvimento com o mercado de trabalho, em que pode haver uma certa pressão em direção ao respeito de normas da língua padrão/culta.

Subjacente à relação entre períodos de vida e o uso de formas de status inferior, está outra razão pela qual podemos esperar uma maior recorrência de à e de dei na fala dos menores de 21 anos: são esses indivíduos que tendem a angariar formas inovadoras como marcas típicas do grupo de pares. Os itens linguísticos que sofrem “discriminação” são, em geral, mais novos em relação a outras opções tidas como mais “corretas” – e por isso mesmo considerados como de menor valor. Destarte, as formas tomadas como marcas identitárias pelos pré-adolescentes e/ou adolescentes apresentam, comumente, duas propriedades correlacionadas: são relativamente recentes e, em decorrência, possuem baixo status no mercado linguístico - caso do à e do dei.

Conforme Labor (2001), a aquisição linguística é, em grande parte, uma transmissão de traços fonéticos e morfossintáticos de núcleos adolescentes e pré-adolescentes mais velhos a mais jovens, sobre-
pondo-se à base linguística transmitida pelos pais. A transmissão da mudança "pega carona" no processo de transmissão da língua, ocorrendo numa trajetória constante de inovações que são adotadas ao vermelho adquirido dos pais. Cada criança reflete o nível de sua aquisição inicial (do que lhe foi transmitido pelos pais), acréscimo de alterações advindas do contato com irmãos e outras crianças mais velhas na comunidade local. Há, portanto, incrementos constantes nas gramáticas individuais: a experiência de cada grupo mais jovem faz a mudança avançar.

A hipótese é, portanto, que o aparecimento das camadas/variantes mais recentes da seqüenciação, at e dai, deve aumentar à proporção que diminui a idade dos informantes, o que pode ser tomado como indício de que tais conectores têm abocanhado mais e mais nascos do território da seqüenciação à medida que têm seu uso acentuado pelas gerações mais jovens. Essa opção pode levar a mudança linguística, no sentido de at e de dai virem a ocupar pouco a pouco o espaço de e de então.

4.1.2. Resultados e discussão

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO</th>
<th>09 a 12 anos</th>
<th>12 a 21 anos</th>
<th>24 a 25 anos</th>
<th>+ de 50 anos</th>
<th>TOTAL</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>SP</td>
<td>300/1.146</td>
<td>479/1.064</td>
<td>488/1.113</td>
<td>523/977</td>
<td>1.790</td>
</tr>
<tr>
<td>AI</td>
<td>134/1.146</td>
<td>310/1.064</td>
<td>290/1.113</td>
<td>182/977</td>
<td>926</td>
</tr>
<tr>
<td>DA</td>
<td>606/1.146</td>
<td>161/1.064</td>
<td>29/1.113</td>
<td>14/977</td>
<td>890</td>
</tr>
<tr>
<td>ENTAO</td>
<td>616/1.146</td>
<td>306/1.064</td>
<td>306/1.113</td>
<td>258/977</td>
<td>664</td>
</tr>
</tbody>
</table>

O aumento da freqüência de at e dai entre os indivíduos de 25 a 45 anos e a sua baixa frequência entre os pré-adolescentes.

Uma vez que foi constatada uma correlação significativa entre a idade dos informantes e o uso de e, ai, dai e então, a possibilidade de que uma mudança esteja em curso é grande: dai está ocupando um espaço maior no domínio da seqüenciação a cada geração considerada. Analisemos com maior detalhe.

Como vários estudos têm constatado a existência do uso intenso de formas inovadoras por indivíduos em torno de dezesseis a vinte anos de idade, Labov (2001) acredita que deva haver um pico de uso no período final da adolescência, ao qual se segue a diminuição constante do uso das formas inovadoras à medida que aumenta a idade dos informantes, ocorrendo uma distribuição linear crescente ou decrescente a partir das faixas adultas. Prevendo o pico de uso na fala adolescente, haveria um uso ainda elevado, mas menor, das formas em questão, por parte dos indivíduos com menos de dezesseis anos.

Como contraparte, podemos esperar um pico de desuso, entre os adolescentes, das formas competidoras com maior tempo de serviço. No caso da seqüenciação em Florianópolis, as formas mais antigas e
de maior status, e então, parecem estar perdendo porções do território a cada geração, o que é evidenciado pela distribuição etária decrescente: quanto mais jovem os falantes, menor a utilização do e e do então. Contudo, a regra do uso do e acontece de modo mais suspeito, verificando-se a existência de um declive mais de desuso apenas na faixa dos pré-adolescentes. Já os desenvolvimentos do então em termos geracionais apresentam um pico de recalque de uso que se inicia entre os adolescentes e se acentua entre os pré-adolescentes, como se estes tivessem sido contagiados pela “aversão” ao conector demonstrada por seus irmãos e/ou amigos mais velhos e a tivessem intensificado ainda mais.

E quanto a at e a dai? A distribuição do at pelas três faixas etárias mais velhas caracteriza-se por um aumento de frequência acompanhando a diminuição da idade (de 19% entre os indivíduos com mais de 50 anos a 29% entre os adolescentes). Configura-se, portanto, uma distribuição linear crescente que poderia ser interpretada, a despeito da ausência de um pico mais intenso de uso na adolescência, como indício de mudança gradual em curso, no sentido de que as gerações vindouras optariam cada vez mais pelo at como marca da sequênciação. Contudo, os resultados para o grupo mais jovem, de 09 a 12 anos, frustram essa interpretação: a utilização do conector sofre uma grande contração, passando da frequência de 29% e do peso de 0,64 referentes à faixa anterior, para 13% e 0,24.

Silva e Macedo (1996:29), com base em dados de informantes cariocas, analisaram a influência da idade sobre o uso do at e concluíram que, quanto mais jovem o falante, maior é o uso do conector em questão. Os pesos relativos atribuídos a cada uma das faixas etárias consideradas foram: de 7 a 14 anos = 0,70; de 15 a 25 anos = 0,60; de 26 a 50 anos = 0,40; mais de 50 anos = 0,30. Foi obtida, portanto, uma distribuição linear crescente: o aparecimento do at aumenta à medida que diminui a idade dos informantes. Ou seja, no Rio de Janeiro, o at parece não ter tido interrupção sua trajetória de aumento em progressão geracional, ocupando o conector mais e mais terreno no domínio da sequenciação a cada novo grupo etário.22

Em Florianópolis, entre os indivíduos de 15 a 21 anos, a frequência do aí, de 29%, já é a segunda maior (nessa faixa etária, ele perde apenas para o e, com 45%), e o peso relativo, 0,64, é semelhante ao atribuído à faixa etária correspondente no estudo de Silva e Macedo (indivíduos de 15 a 25 anos), 0,60. Se o processo de incremento de uso a cada nova geração tivesse tido continuidade em Florianópolis, o aí poderia ter sido conservado, na faixa dos pré-adolescentes, como uma das formas detentoras da maior parte do território da sequenciação. Nesse caso, talvez apresentasse um peso relativo similar ao do at carioca no grupo de 7 a 14 anos (0,70). Contudo, no grupo florinopolitano correspondente (de 09 a 12 anos), uma das camadas/variantes – a mais recente – aparece atirando para todos os lados e tornando espaço dos demais sequenciadores.

O uso do dai para sinalizar a sequenciação entre informações é bem menos frequente entre os florinopolitanos com mais de 25 anos. Na faixa representando a geração seguinte, de 15 a 21 anos, há um pico de uso, em comparação com as duas faixas anteriores: 15% e 0,64. Surpreendentemente, surge um pico de uso ainda maior entre os pré-adolescentes: 60% e 0,91. Parece que os adolescentes de Florianópolis adotaram o dai como marca identitária e o transmitiram a falantes cada vez mais jovens, até haver uma explosão de uso entre os pré-adolescentes.

Cumpre, ressaltar que Labov (2001) prevê que os picos de mudança acontecem na faixa de indivíduos no final da adolescência. No caso da sequenciação em Florianópolis, tal não se verifica: os picos de uso e de desuso de e, aí, dai e então encontram-se na faixa etária de 09 a 12 anos, e não na faixa de 15 a 21 anos. As razões que motivam os indivíduos, na pré-adolescência, a super disseminarem formas inovadoras e de baixo status devem ser as mesmas que motivam os adolescentes. As pessoas de 09 a 12 anos já estão em uma fase de busca e afirmação da identidade, procurando distinguir-se dos pais e aproxi-
gústicas como marcas identitárias, reforçando um modo de falar “jovem”, em oposição a um modo de falar “adulto” (ou “velho”), do qual querem marcar distanciamento.23

Podemos interpretar os números elencados na tabela 6 como significando que o aí tomou um pouco do espaço do e entre o grupo de 25 a 45 anos (a frequência daquele aumentou, a deste diminuiu) e outro tanto do e do então entre os adolescentes, mas a mudança em direção ao predominantemente aí na sequência foi interrompida em razão da afronta de disseminação do dai. Todavia, o maior atingido pelo avanço do dai parece ter sido o então, cuja evolução reflete, como imagem de espelho, a do dai: o pico de uso – altíssimo – do então acontece entre os falantes adultos e com mais de 50 anos e o do dai – ainda mais alto – entre os falantes adolescentes e pré-adolescentes. A medida que a utilização do aí aumenta, a do então diminui.

Em geral, podem ser tomados como indícios de que, em Florianópolis, uma mudança vigorosa em termos da difusão dos conectores sequenciadores está em andamento: (i) o aparecimento intenso da forma mais inovadora entre os adolescentes e, especialmente, entre os pré-adolescentes - um pico de uso; (ii) a quase desaparecência de uma das formas mais antiga nas mesmas faixas etárias - um pico de desuso; (iii) o fato de que os dois grupos adultos apresentam uma distribuição linear decrescente para o dai e crescente para o então (a frequência do primeiro diminui com o aumento da idade dos informantes, e a do segundo aumenta), conforme previsto por Labov (2001) para casos de mudança. Já o aí, descontando-se o grupo mais jovem, parece passar por uma mudança menos vigorosa, pois, embora seja constatada uma queda mais acentuada entre as faixas de 25 a 45 anos e mais de 50 anos, o uso do conector diminui gradualmente entre os adolescentes e adultos. A mudança para o e também parece ser mais suave, havendo um decréscimo de uso gradual com a diminuição da idade dos informantes e apenas um salto mais brusco, entre a faixa etária de 15 a 21 anos e a de 09 a 12 anos.

4.2. Escolaridade - barrado na escola
4.2.1. Caracterização e hipóteses
Os 36 informantes do corpus de Florianópolis com mais de quinze anos foram distribuídos em três níveis de escolarização: de quatro a cinco anos (ou o equivalente à 4ª e 5ª séries do ensino fundamental); oito anos (8ª série do ensino fundamental); onze anos (3ª ano do ensino médio). Optei por não tomar em conjunto os informantes de 09 a 12 anos e os demais informantes com quatro a cinco anos de escolaridade, pois o status social de cada um desses grupos é obviamente bastante distinto: os pré-adolescentes possuem a escolaridade esperada para indivíduos dessa faixa etária, mas os adolescentes e adultos que cursaram apenas quatro ou cinco são bastante desvalorizados socialmente, em especial no mercado de trabalho. No entanto, a existência de um fator controlando a parte a escolaridade dos informantes de 09 a 12 anos causou enviesamento nos resultados de algumas rodadas do programa estatístico, já que esse fator apresentava identidade de dados em relação a outro fator, pertencente ao grupo idade, qual seja, de 09 a 12 anos (os membros de um são exatamente os membros do outro). Dessa guisa, o grupo de fatores escolaridade passou a ser controlado apenas em relação aos 3.154 dados extraídos da fala dos 36 informantes florianopolitanos com mais de 15 anos, distribuídos homogeneamente quanto aos três fatores, quatro anos, oito anos e onze anos de escolaridade.24

Há situações de estratificação/variação em que as camadas/variantes são claramente avaliadas como pertinentes ou não à variedade padrão/culta da língua. Em tais situações, a opção pela utilização de uma dentre duas ou mais das camadas/variantes costuma correlacionar-se à escolarização dos usuários da língua, no sentido de que, quanto mais anos passados na escola, maior o uso das formas que possuem conceito social positivo. A escolarização continuada, portanto, é um dos fatores que contribui para a patronização da fala e da escrita consientes os preceitos da língua padrão/culta.
Esse pode ser o caso da sequência: empregos conectivos de *ai* e de *daí* costumam ser considerados, pelos professores de língua portuguesa em geral, não apenas como típicos da fala (e, mesmo assim, apenas em situações mais informais ou coloquiais), mas até como vícios de linguagem, e, por conta disso, sua recorrência deve diminuir na fala dos indivíduos que tiveram um maior tempo de contato com a escolarização formal e, por tabela, mais experiência com a variedade padrão/culta da língua. Como contraparte, *e e então* seriam mais frequentes na fala desses indivíduos, como alternativas de maior prestígio para a sequenciação de informações.

Não foram realizados, para esta pesquisa, testes sistemáticos de avaliação do status de *e, ai, daí* e *então* no mercado linguístico floriano-poliniano, especialmente em razão da dificuldade em re-contatar os 48 informantes cujas entrevistas integram o corpus em análise: embora seja possível arranjar índices acerca do status dos sequenciadores recorrendo a quaisquer membros da comunidade de fala, o ideal seria obter avaliações diretamente dos indivíduos que forneceram os dados para o estudo. Contudo, elaborar e aplicar um rápido teste avaliativo com um pequeno grupo de floriano-politanos, composto por dois pré-adolescentes cursando a quarta série do ensino fundamental, dois adolescentes cursando a oitava série do ensino fundamental, quatro adolescentes vestibulando (ensino médio completo) e três adultos, um com oito anos de escolarização e dois com onze, todos naturais de Florianópolis.

O teste apresentou diversas situações de fala e de escrita formais e informais, em relação às quais os avaliadores deveriam ordenar, em ordem de preferência, dentre as opções e, *ai, daí* e *então* - os sequenciadores que utilizavam e, se fosse o caso, apontar quais não utilizavam. Ao final, era solicitada a opinião do avaliador acerca da relação entre os quatro conectores e a língua padrão/culta, através de duas perguntas: (i) Em sua opinião, um ou mais dentre os conectores *E, AI, DAÍ e ENTÃO* não pertencem(m) à língua portuguesa padrão/culta? Em caso afirmando, qual ou quais? e (ii) Em que tipo de situações de fala ou de escrita os conectores não pertencentes à língua padrão/culta deveriam ser evitados? Por quê? O fato de um item ser preferido em situações de fala e de escrita mais formais, às expensas de outros capazes de manifestar semelhan-te função-significação, é um forte indicio da valorização positiva dada ao item pela comunidade e de sua vinculação com variedades linguísticas de prestígio.

Algumas das respostas fornecidas pelos floriano-politanos consultados confirmam a hipótese de que o *iube do ai* e do *daí* é realmente baixo na comunidade:

- “Minha professora não gosta que a gente fala muito *ai, daí, né, essas coisas*.” (R, 10 anos, quarta série)
- “Para apresentar um trabalho na sala de aula, é melhor dizer *então* ao invés de *ai e daí*.” (J, 14 anos, oitava série)
- “Uma vez, quando eu estava na sexta série, falei *63 ai* para contar a história do livro *Rainha das Neves* e o professor contou todos e depois me repreendeu.” (A, 17 anos, ensino médio)
- “*O e é a coisa normal, básica, ninguém percebe. Na redação do vestibular eu usaria – e olhe lá – o *então*. E o *e* também, claro.” (A, 17 anos, ensino médio)
- “*Esses ai e daí* são normais na fala, todos usam.” (S, 50 anos, ensino médio)
- “*Ai e daí* não pertencem à língua correta, o seu uso não é recomendado pelos professores de português.” (P, 42 anos, ensino médio)

Outra boa evidência de que a escola exerce pressão para que seja evitado o emprego dos conectores *ai* e *daí*, sobretudo na escrita, é a sua presença insignificante nas redações do vestibular. Em um estudo feito por Görski & Tavares (2001), comparando discursos argumentativos orais (em entrevistas do Projeto VARSUL) e escritos (em redações de vestibular da UFSC), *ai* e *daí* representaram, somados, 28% dos conectores sequenciadores encontrados na argumentação oral, ao passo que, na argumentação escrita, foi encontrado apenas um *ai*.25
Na seção 4.2, foi levantada a possibilidade de o *daí*, além de ser uma marca típica da fala dos pré-adolescentes e dos adolescentes, ser uma marca regional, típica do município de Florianópolis (ou talvez do estado de Santa Catarina). Somente um estudo de grandes proporções pode ser esclarecedor a esse respeito: faz-se necessário comparar o panorama das distribuições sociolinguísticas de *e, ai, daí e então* no domínio da sequenciação em diversas comunidades de fala do Brasil para que sejam obtidas evidências consistentes de que a super disseminação do *daí* na fala dos pré-adolescentes é um fenômeno regional. No entanto, alguns depoimentos informais colhidos de pessoas (ou melhor, linguistas, bastante atentos ao como falam em seu redor) pertencentes a comunidades de fala de outras cidades (Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador) apontam fortemente nessa direção, afirmando que o grande uso (ou abuso mesmo) do *daí* em Florianópolis chama a atenção e que não têm observado tão grande recorrência do conectivo em suas comunidades e muito menos na fala das crianças. Ou seja, há bons indícios de que o *daí* é de fato uma marca identitária dos adolescentes e pré-adolescentes florianopolitanos.

Apreciamos, a seguir, a distribuição de *e, ai, daí e então* em relação ao nível de escolaridade dos informantes com mais de 15 anos.

### 4.2.2 Resultados e discussão

<table>
<thead>
<tr>
<th>E</th>
<th>AII</th>
<th>DaI</th>
<th>Então</th>
<th>ENLIO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>ESCOL</strong></td>
<td><strong>Ap/Tot</strong></td>
<td><strong>% PR</strong></td>
<td><strong>Ap/Tot</strong></td>
<td><strong>% PR</strong></td>
</tr>
<tr>
<td>4 anos</td>
<td>506/1203</td>
<td>42,46</td>
<td>444/1203</td>
<td>37,06</td>
</tr>
<tr>
<td>8 anos</td>
<td>501/991</td>
<td>51,50</td>
<td>172/991</td>
<td>17,42</td>
</tr>
<tr>
<td>11 anos</td>
<td>485/960</td>
<td>50,54</td>
<td>165/960</td>
<td>17,04</td>
</tr>
<tr>
<td>TOTAL</td>
<td>1490/3154</td>
<td>47,06</td>
<td>782/3154</td>
<td>25,06</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Input: .43 sig .002**  **Input: .19 Sig: .005**  **Input: .20 Sig: .003**  **Input: .15 Sig: .000**

### 4.3. Sexo - as garotas são as maiores responsáveis?

#### 4.3.1. Caracterização e hipóteses

Segundo Labov (1990:205) e Chambers (1995:111), em situações sociolinguísticas estáveis, os homens usam uma frequência maior de formas não padrão do que as mulheres, que tendem a preferir formas socialmente valorizadas. Uma inversão dessa tendência pode ser tomada como indicação de que uma nova forma está se implementando na língua: grande parte das mudanças linguísticas, são as mulheres que utilizam mais as formas inovadoras, inclusive as estigmatizadas. Por que as mulheres são, em geral, as lideres da mudança? Uma possível explicação está no fato de que a maioria das crianças aprendem os rudimentos de sua língua nativa com mulheres (mães, babás, professores de creches), o que faz com que as mudanças que têm liderança feminina sejam aceleradas, às expensas das lideradas
pelos homens. Comparando resultados obtidos por estudos sociolinguísticos em diversas partes do mundo, Labov (2001:445) obteve indícios que apontam como líderes da transmissão da mudança linguística um grupo específico de mulheres, as adolescentes: uma garota de doze anos observa as formas inovadoras usadas pelas garotas de dezenove anos e avança seu próprio uso, ao imitá-las.

Os resultados obtidos para o grupo de fatores idade trazem diversas evidências de que está em progresso uma mudança vigorosa em termos da difusão dos conectores sequenciais. A proposta das influências do grupo de fatores sexo, uma possível previsões seria a de um maior uso do e e do então por parte das mulheres, pois trata-se de conectores não estigmatizados, opondo-se a um maior uso por parte dos homens do ai e do dai, conectores considerados de menor status social. No entanto, como parece estar em jogo o fenômeno de mudança em direção ao incremento do uso do dai como marca da sequenciação, é possível que as mulheres estejam liderando o processo, fazendo um maior uso desse conector em relação aos homens.

### 4.3.2 Resultados e discussão

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>E</th>
<th>Aí</th>
<th>Dái</th>
<th>ENTÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>SEXO</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Feminino</td>
<td>973</td>
<td>33</td>
<td>0,51</td>
<td>236</td>
</tr>
<tr>
<td>Masculino</td>
<td>833</td>
<td>91</td>
<td>0,65</td>
<td>89</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>TOTAL</strong></td>
<td>1806</td>
<td>124</td>
<td>0,67</td>
<td>325</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>E</th>
<th>Aí</th>
<th>Dái</th>
<th>ENTÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Feminino</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>09-12</td>
<td>173</td>
<td>33</td>
<td>0,51</td>
<td>236</td>
</tr>
<tr>
<td>15-21</td>
<td>232</td>
<td>44</td>
<td>0,48</td>
<td>142</td>
</tr>
<tr>
<td>25-45</td>
<td>307</td>
<td>48</td>
<td>0,65</td>
<td>22</td>
</tr>
<tr>
<td>&gt;60</td>
<td>287</td>
<td>53</td>
<td>0,67</td>
<td>89</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>TOTAL</strong></td>
<td>973</td>
<td>100</td>
<td>0,67</td>
<td>331</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>E</th>
<th>Aí</th>
<th>Dái</th>
<th>ENTÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Masculino</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>09-12</td>
<td>127</td>
<td>20</td>
<td>0,33</td>
<td>450</td>
</tr>
<tr>
<td>15-21</td>
<td>247</td>
<td>46</td>
<td>0,55</td>
<td>19</td>
</tr>
<tr>
<td>25-45</td>
<td>181</td>
<td>43</td>
<td>0,65</td>
<td>07</td>
</tr>
<tr>
<td>&gt;60</td>
<td>262</td>
<td>52</td>
<td>0,56</td>
<td>06</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>TOTAL</strong></td>
<td>817</td>
<td>100</td>
<td>0,56</td>
<td>363</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Também é apenas parcialmente confirmada: o dai é favorecido na fala dos homens, mas o então, que conta com boa avaliação no mercado linguístico, também o é. Também não foi confirmada a hipótese de que as mulheres estariam conduzindo a mudança em direção ao predomínio do dai no domínio da sequenciação em Florianópolis: esse conector é ligeiramente mais recorrente na fala dos homens na fala das mulheres.

Talvez tais resultados se devam ao modo como o grupo de fatores sexo foi controlado, isolada e globalmente. Foi notado que o comportamento de homens e mulheres pode ser bastante diferente entre si quando se considera a interação de sexo com outros grupos de natureza social. (Labov, 1990:221) Um cruzamento entre sexo e idade pode revelar, por exemplo, se são as adolescentes e as pré-adolescentes quem mais avançam a mudança. Um cruzamento entre sexo e escolaridade também pode ser esclarecedor, permitindo que se observe se o comportamento das mulheres e dos homens de uma mesma escolaridade é similar. Vejamos.
Homens e mulheres de mais de 50 anos tendem a um comportamento aproximado ao favorecer o aparecimento do e do ai em sua fala. O e e o ai também são favorecidos por mulheres de 25 a 45 anos e por adolescentes do sexo masculino. Estes se opõem, portanto, às adolescentes, em cuja fala recebe maior espaço o dai, que também é francamente favorecido na fala dos pré-adolescentes tanto do sexo feminino, quarto do sexo masculino. Homens e mulheres de mais de 25 anos são os que mais se inclinam ao uso do então. Então relacionou-se, dessa guisa, aos floripopolítanos mais maturados, tanto homens quanto mulheres. E e ai mostram vínculo também com adolescentes do sexo masculino (0,55 e 0,73, respectivamente). Na fala dos demais grupos – adolescentes de sexo feminino e pré-adolescentes de ambos os sexos – predomina o dai.

O cruzamento entre sexo e idade revela os grupos líderes da mudança rumo ao incremento do uso do dai na sequência floripopolítana: as adolescentes e as meninas e os meninos pré-adolescentes. A previsão de que as mulheres seriam líderes do processo de transmissão das inovações no reino da sequênciação é confirmada, relativizando-se sexo à idade: os dois grupos de mulheres jovens pressionam a inovação.

É possível tecer a hipótese de que o dai tornou-se inicialmente marca identitária das adolescentes de 15 a 21 anos (frequência de 27% e peso relativo de 0,88), em oposição aos adolescentes, em cuja fala o dai é desfavorecido (0,4% e 0,31). A tendência de incremento do uso do sequenciador em causa foi transmitida a garotas cada vez mais jovens, até estourar como marca da fala dos pré-adolescentes de ambos os sexos. É digno de nota o fato de que não só as garotas, mas também os garotos de 09 a 12 anos tomaram o dai como marca identitária, afastando-se dos adolescentes de sexo masculino, e aproximando-se mais das adolescentes e garotas da 09 a 12 anos. Talvez os garotos desta faixa etária tenham acelerado mais o uso do dai, em comparação com as garotas da mesma idade: a frequência do conector na fala deles é de 0,72% e o peso relativo é de 0,91, maiores que na fala delas, de 0,74 e 0,75.

Agora, passemos à análise dos números expostos na tabela 5:

<table>
<thead>
<tr>
<th>Sexo</th>
<th>E</th>
<th>A</th>
<th>DAI</th>
<th>ENTÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Feminino</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ESCOL</td>
<td>PR</td>
<td>PR</td>
<td>PR</td>
<td>PR</td>
</tr>
<tr>
<td>4 anos</td>
<td>78/45</td>
<td>0,41</td>
<td>203/33</td>
<td>0,48</td>
</tr>
<tr>
<td>8 anos</td>
<td>309/53</td>
<td>0,48</td>
<td>97/15</td>
<td>0,26</td>
</tr>
<tr>
<td>11 anos</td>
<td>206/44</td>
<td>0,38</td>
<td>102/22</td>
<td>0,35</td>
</tr>
<tr>
<td>TOTAL</td>
<td>80/100</td>
<td>396/100</td>
<td>172/100</td>
<td>318/100</td>
</tr>
</tbody>
</table>

| Masculino  |      |      |       |       |
| ESCOL      | PR   | PR   | PR    | PR    |
| 4 anos     | 231/39| 0,51 | 241/41 | 0,79  |
| 8 anos     | 182/47| 0,53 | 81/21  | 0,66  |
| 11 anos    | 277/57| 0,72 | 64/13  | 0,48  |
| TOTAL      | 69/100| 386/100| 32/100 | 360/100|

O e encontra um bom nicho na fala dos homens com ensino médio completo. O ai é favorecido na fala dos homens com quatro e oito anos de escolaridade. O dai encontra espaço na fala das mulheres, independentemente da escolaridade. Em oposição, o então encontra espaço na fala dos homens. Portanto, o comportamento das mulheres e dos homens com o mesmo tempo de contato com o ensino formal não é idêntico. Na fala das mulheres que tiveram quatro ou oito anos de escolarização, é o dai que recebe destaque, ao passo que, na fala dos homens de mesma escolarização, são o e e o então que recebem destaque. Homens e mulheres com ensino médio assemelham-se quanto à preferência pelo então, recebem pesos relativos similares (0,58 e 0,63%, respectivamente). No entanto, diferenciam-se quanto ao peso relativo mais alto: para as mulheres, é o e; ao que receive (0,74), e, para os homens, é o e (0,72).

Podemos dizer que mulheres com os três níveis de escolaridade considerados lideram a mudança em direção ao dai, ressalvando-se...
que, quanto menor a escolaridade da falante, maior o avanço obtido pelo conector, e que, na fala das mulheres de maior escolaridade, o *então* também é condicionado positivamente. Já os diversos grupos de homens representam trincheiras contra o avanço do *daí*, optando com boa frequência pelo *e*, pelo *aí* e pelo *então*.

No cruzamento entre *sexo* e *escolaridade*, o grupo de informantes de 09 a 12 anos foi deixado de lado, uma vez que seus membros possuem o mesmo nível de escolaridade. Claro que os florianopolitanos que mais têm contribuído para a super disseminação do *daí* como marca da sequenciação pertencem à essa faixa etária e à escolaridade correspondente. Contudo, a partir da análise dos resultados do cruzamento *sexo/escolaridade*, podemos acrescentar ao grupo de disseminadores do *daí* também as mulheres de todos os níveis de escolaridade - em especial as de 15 a 21 anos, as quais também são apontadas, pelos resultados obtidos para o cruzamento entre *sexo* e *idade*, como um dos grupos que mais favorece o *daí*.

5. Considerações finais

Neste estudo, foi investigado o grau de difusão de *e*, *aí*, *daí* e *então* em diferentes estratos de uma comunidade de fala, a de Florianópolis, destacando-se em especial o papel das motivações de natureza social nomenclatura atribuída às camadas variáveis e marcação identitária. A direção da atuação dessas motivações sobre a propagação dos conectores sequenciais mais recentes foi inferida via controle dos grupos de fatores sociais *idade*, *escolaridade* e *sexo*, obtendo-se indícios de que uma mudança está em andamento no domínio de sequenciação em tela. A seguir, listo os principais indícios:

(i) os resultados em termos de estratificação etária, especialmente:
(a) o pico de uso do *daí* na fala dos pré-adolescentes, acompanhado de uma distribuição linear decrescente ao longo dos demais grupos etários; (b) o pico de desuso do *então* entre os pré-adolescentes, acom-

panhado de uma distribuição linear crescente ao longo dos demais grupos etários; (c) a contínua eterna de aparecimento do *e* e na fala das gerações cada vez mais jovens (porém com estabilidade das duas faixas intermediárias, com percentuais e pesos relativos similares); (d) a diminuição da recorrência do *aí* entre os pré-adolescentes; (e) os resultados obtidos para o grupo de fatores *sexo*, que permitem a identificação das adolescentes de 15 a 21 anos como líderes iniciais da super disseminação do *daí* na comunidade, a qual atingiu com vigor ainda maior tanto as meninas quanto os meninos de 09 a 12 anos (embora tenha atingido mais a estes); (iii) a clara existência de estigmatização em relação a algumas das camadas/variáveis em disputa pelo domínio — as mais recentes na língua —, estigmatização que se reflete nos resultados apontados pelo grupo de fatores *escolaridade* (que mostram que a escola tem combatido as inovações) e nas próprias avaliações feitas por membros da comunidade de fala, os quais, em geral, consideram o uso de *aí* e de *daí* menos apropriado que o de *e* e o de *então*, especialmente para situações mais formais e para a escrita; (iv) o fato de que o fenômeno de super disseminação do *daí* é percebível tanto por quem reside no município quanto por quem por aí passa rapidamente (são muitos os que observam que “Florianópolis usa muito *daí*”). Enfim, a mudança — do *daí* em particular, e do domínio da sequenciação como um todo — parece estar avançando hoje mesmo, diante de nossos olhos surpresos.

Tais resultados estão em conformidade com a ação esperada das duas motivações de ordem social aqui consideradas, que parecem estar em competição na comunidade de fala de Florianópolis. De um lado, a adoção do *daí* como marca identitária pelos adolescentes e pré-adolescentes resulta em um acréscimo de seu uso entre indivíduos dessas faixas etárias. Do outro lado, a estigmatização que *aí* e *daí* sofrem na comunidade leva a uma menor taxa de aparecimento entre os informantes mais escolarizados. Na fala desses indivíduos, o *e* e o *então* têm
preservado seu espaço, como conectores socialmente valorizados.

Entretanto, é digno de nota que as reações contrárias à difusão do *dai* não parecem constituir barreira suficiente para impedir o movimento de tomada de um bom naco do território da sequência florenapolitana por parte desse conecteur. É possível que os hoje pré-adolescentes tenham diminuída a taxa de aparecimento do *dai* em sua fala à medida que amadurecerem. Conforme Labov (2001), é previsível que ocorra, nos processos de mudança, após o pico de uso insuportável, a diminuição de sua utilização: ela é incorporada, ainda com índices de grande frequência, à gramática dos falantes do grupo em que teve seu uso fortemente acelerado, mas passa a recorrer menos, em comparação com a fase de pico de uso. Assim, a mudança adquire matizes não tão radicais e sim uma maior gradualidade: passa a haver uma distribuição linear crescente ou decrescente entre as faixas etárias adultas, agora representadas pelos indivíduos que levaram a forma inovadora a seu ápice quando jovens. Ou seja, *dai* poderá ter de fato vir a suprir as demandas contemporâneas com o passar do tempo, mas com uma velocidade menor do que a que seria previsível considerando-se somente seu estágio de pico de uso atual.

O procedimento típico da sociolinguística variacionista de análise de mudança em tempo aparente considerando-se a estratificação etária dos falantes mostrou-se bastante significativo para o estudo da gramaticalização no domínio da sequência de informações, pois permitiu observar o grau de propagação das estratégias de sequenciação inovadoras (e também das que estão sendo abandonadas). É importante notar que os indícios de mudança coletados e, em especial, a super disseminação do *dai* na fala dos pré-adolescentes, denunciam a possibilidade de estar em curso também um processo de mudança funcional.

A gramaticalização representa a passagem para significados mais genéticos, negociáveis, abstratos e frequentes. No processo de mudança, a perda da especificidade semântica de uma forma favorece a extensão de sua aplicação para domínios funcionais diversos. Isso acontece porque o significado genérico é mais moldável às necessidades de comunicação e, portanto, passível de ser expandido para mais e mais contextos, o que implica uma espérila em que aumento de frequência leva à mudança e esta resulta em frequência ainda maior (cf. Bybee, 2003). Assim sendo, os rumos sociais dados aos itens linguísticos podem empurrá-los adiante em seu processo de gramaticalização. Por exemplo, o super uso de uma forma por parte de certos estratos de uma comunidade de fala é capaz de incrementar sua mudança funcional, pois o aumento da frequência a coloca num campo aberto para alterações rumo a novas, cada vez mais gramaticais.27 Na retaguarda desse processo rumo a crises mais avançadas de gramaticalização, costuma estar a questão da marcação da identidade: como os indivíduos mais jovens tendem a super utilizadas as marcas linguísticas idiossincráticas, acabam acelerando o andamento de seu processo de gramaticalização, contribuindo, por meio da grande recorrência, para que mais e mais contextos passem a ser codificados por elas. Nessa perspectiva, o papel dos falantes jovens é de grande relevância para a velocidade de desenvolvimento da gramaticalização.

Aplicando tal proposta ao caso sob enfoque, a partir da constatação de que há um grande aumento na frequência de aparecimento do *dai* na fala pré-adolescente, podemos tecer a hipótese de que essa utilização intensa esteja pressionando a seleção dessa forma para a codificação de papéis cada vez mais genéticos e abstratos. Isso não implica que as gerações mais jovens têm investido *dai* de funções inteiramente novas no domínio da sequência, e sim ampliado sua frequência de uso em contextos de sequenciação que já é vinculado com menor regularidade pelas gerações mais velhas — papéis antes demarcados com maior frequência por e, então e mesmo ai.28 Ou seja, temos em cena uma disseminação funcional do *dai*, paralela a sua super disseminação na fala dos florrenapolitanos mais jovens. O aumento da recorrência de um item gramatical em um dado contexto significa um avanço em seu processo de rotinização como marca regular desse contexto — em consequência, significa um avanço em seu processo de gramaticalização,
hipótese que fica para um outro artigo.  

Finalizo lembrando que abordagens à língua realizadas sob a ótica da gramaticalização buscam explicações para a mudança postulando motivações de ordem funcional - cognitivas e comunicativas - subjacentes às alterações sofridas pelas formas linguísticas. Neste estudo, no entanto, foram destacadas motivações de natureza social - a valorização atribuída aos itens linguísticos pelos membros da comunidade e a questão da marcação identitária –, passíveis de contribuir para a propagação das inovações ao longo do espectro social e para o próprio desenvolvimento do processo de mudança funcional em direção a níveis ainda mais gramaticais. Acredito que tais motivações possam ser incluídas sob o rótulo “motivações funcionais”, uma vez que são pertinentes à função de identificar ou ancular a identificar, no discurso, o falante como pertinente a um dado estrato social – certa faixa etária, nível de escolaridade e/ou sexo. As formas linguísticas que manifestam essa função comumente apresentam forte concentração de uso na fala de indivíduos de algum dos estratos sociais mencionados. Sendo-se as motivações sociais às motivações cognitivas e comunicativas tradicionalmente consideradas por estudos funcionalistas, temos, com efeito, uma vertente de pesquisa sociofuncionalista, cujos desdobramentos prometem ser frustradores e instigantes.

Aceito em agosto de 2004.

Referências bibliográficas


The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. Language Variation and Change, n.2, p.205-254. 1990.


Notas

1 Este strigo é uma parte de minhas teses de doutorado (Tavares, 2003), revisadas e ampliadas, com uma discussão mais rica de motivações que podem estar subjacentes a um processo de gramaticalização.

2 As traduções são da minha responsabilidade.

3 É importante observar que a distinção das motivações por trás da constituição da gramática em quatro tipos – cognitivos, comunicativos, estruturais e sociais – não implica a existência de um limite nítido entre esses tipos, pois, em cada situação comunicativa, motivações divergidas atuam conjuntamente. Além disso, o esclarecimento de fronteiras claras entre elas é difícil, pois não raro se inter-relacionam e se interpenetram.

4 Na ótica da gramaticalização, um termo função pode recobrir tanto mudanças categoriais
(a passagem do a' de usos anaforicos para usos conjuntivos, por exemplo), como mudanças semântico-pragmáticas (a passagem do a' da indicação espacial para a indicação temporal, por exemplo). Frequentemente, mas não necessariamente, os dois tipos de mudança co-ocorrem, e podem acarretar modificações nos padrões morfosintáticos de uso de um dado item.

5 “Domínio funcional” é empregado por Hopper no sentido de Givón (1984), em referência a áreas funcionais gerais (ou macro-domínios) como TAM (tempo/aspecto/modalidade), caso, referência, etc., ou áreas mais estrias (micro-domínios), como o tempo futuro, o sujeito, a deixis. As formas pertencentes a cada domínio funcional são entendidas como um conjunto de elementos unificados funcionalmente, isto é, que desempenham o mesmo ou semelhante papel. O termo “cama- da” é utilizado em referência a essas formas alternantes de realização que convivem em um mesmo domínio.

6 Conferir em Tavares (2003) maiores detalhamentos acerca dos aspectos do funcionalismo lingüístico e da sociolingüística variaçãoista que são considerados e combinados; e os que são deixados de lado na constituição do sociofuncionalismo, além de uma discussão epistemológica acerca do how por esse vertente de estudo na pesquisa sociolinguística.

7 Citando Labor (2001, p. 3): “As comunidades diferem na extensão com que estigmatizam as novas formas da língua, mas eu nunca encontrei ninguém que as recebesse com aplausos.”

8 O vocábulo é “(...) o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da falha”, aqui é, o falante concentra mais a atenção no que falta e menos no como falta (Labor, 1972, p. 208). É a manifestação mais espontânea da língua, de onde custome- ramente emergem os dados mais sistemáticos para a análise.

9 Tornemos um exemplo. Modelos de mudança sugerem definir o período final para a estabilização fonológica do sistema linguístico como ocorrendo aos dezessete anos de idade. Contudo, Norberg & Sundgren (1998, apud Labor, 2001, p. 447) observaram que, no caso de algumas variáveis fonológicas investigadas por eles, adultos jovens continuavam a avançar a mudança no início dos vinte e mesmo trinta e quarenta anos.


11 A pesquisa em tempo real exige o estreitamento do processo histórico de mudança em diferentes épocas da língua (décadas ou séculos atrás), valendo-se o pesquisador de anotações orais ou escritas de diferentes sincronias, comparando os usos dados a um certo fenômeno variável ao longo do tempo. Tal análise constitui um importante auxílio para confirmar a presença de mudança em progresso, pois permite observar se a variante inovadora aumentou a frequência na comunidade com o passar do tempo “real”.


13 Existem também outras formas de sequenciação, porém menos frequentes e de distribuição diferenciada. Dentre elas, a que mais de destaca é o depois (cf. Tavares, 2003).


15 O domínio da sequenciação configura-se num esquema funcional/gradiente, podendo ser visto como um dos elos de um fenômeno superordenado: conjunção geral > sequenciação retroativo-propulsora > subfunções da sequenciação > possíveis subtipos das subfunções. O recorte para fins de estudo pode ser, em princípio, em qualquer um dos níveis dessa hierarquia funcional. Optei por passar a tese ora em torno da sequenciação, atendendo a sua preferências dos usuários da língua; relativamente a esse estrato da conjunção geral entre as funções. As subfunções são controladas, em Tavares (2003), como possíveis influências contextuais inferiores à escolher entre os conectores.


17 O símbolo †, acrescentado nos exemplos por mim, marca o início da digressão feita pelo falante, e ‡ marca o seu final.

18 A relação entre o tempo de edição e a sequenciação retroativo-propulsora é discutida em Tavares (2003).

19 O peso relativo é uma medida multidimensional e multivariada, obtida pela interação entre todos os fatores de cada grupo de fatores considerados em relação ao fenômeno variável, indicando a influência de cada um dos fatores sobre cada uma das variantes. Apesar de ser um instrumento novo que a sociolingüística variaçãoista e a sociolingüística variaçãoista, a utilização de pesos relativos pode ser recomendada para uma abordagem sociolingüística, em que forças múltiplas também estão em jogo. Por exemplo, no caso da sequenciação, os diversos traços (sintéticos, semânticos, pragmáticos, sociais, dentre outros) ligados ao contexto de uso estão concomitantemente presentes a cada vez que um falante sequencia informação, e a interação das influências (favoráveis ou desfavoráveis) de cada um desses traços resulta na escolha entre uma ou outra das
formas sequenciadoras.  
20 Embora a faixa etária '25 a 45 anos' seja bastante ampla, a maioria dos informantes que a integram se encontra entre 34 e 45 anos (nove informantes do total de doze), o que minimiza eventuais viésesamentos que uma faixa etária abarcando indivíduos de idades tão diferentes pudesse causar.

21 Sobre testes de avaliação referentes ao status dos sequenciadores, confira a seção 4.2.
22 Silva e Macedo utilizaram dados provenientes da "Amorosa Censea".

23 Além de ser uma marca útica da fala dos membros mais jovens da comunidade fiorianopolitana, o *dei* pode ser uma marca regional. Nesse caso, tratar-se-ia de um item linguístico indicando que seu usuário é, provavelmente, uma pessoa jovem ou mesmo uma criança residente em Florianópolis (cf. seção 4.2).

24 As roxadas incluindo um fator específico para controlar o grau de escolaridade dos informantes de 69 a 12 anos revelaram a preferência pelo *dei* por parte dos pré-adolescentes, a qual provavelmente é devida a idade dos informantes do que a escolaridade. No entanto, como todos os informantes do grupo em causa possuem a mesma idade e a mesma escolaridade, é difícil precisar se as influências maiores são por conta da etapa de vida pré-adolescente ou por conta da pouca escolaridade. Um indicio de que a idade é mais importante pode ser encontrado no padrão de seleção dos grupos de fatores em causa pelo VARBRUL. *idiom* sempre foi selecionado como mais significativa que *escolaridade*.

25 Foram analisados os trechos argumentativos de 12 entrevistas de informantes fiorianopolitanos de 15 a 21 anos pertencentes ao Banco VARBRUL, e de 100 redações do vestibular 2001 fornecidas pela COPERVE/UFSC. Foram obtidos um total de 252 dados, correspondentes a 139 coneccores na fala e 153 coneccores na escrita.

26 Em um cruzamento, os fatores de dois grupos são cruzados, isto é, combinados de todos os modos possíveis (no caso de *sex/escolaridade*, temos, neste estudo, *feminino* e *masculino* e *quatro anos de escolaridade*, *cinco anos de escolaridade*, etc) e a cada combinação é atribuído um peso relativo.

27 A generalização no plano funcional, isso é, a extensão de uso de uma forma de modo que ela passe a cobrir um leque maior de funções, possibilita que a forma tenha alteradas suas propriedades semântico-pragmáticas e/ou morfofonéticas.

28 Claro que não demos descartar a possibilidade de que o *dei* venha a migrar para novos papéis em outros domínios (ou que já esteja migrando), já que sua alta frequência de aparecimento como sequenciador pode ser um ponto de partida para o surgimento de novas estratégias gramaticais. Em caso, motivações de natureza social estariam contribuindo com a emergência do inovação em si, e não somente com a disseminação social e funcional.

29 Por uma questão de espaço, optei por apenas levantar a lebre, sem, no entanto, apresentar evidências confirmadoras. Todavida, apenas para "dar um gostinho", saliente que obtenos indivíduos que o *dei* teve realmente seus papéis funcionais expandidos em Florianópolis, e, já na fala dos pré-adolescentes. Nela, o *dei* estendeu suas garras com vigoridade sobre todos os espaços disponíveis para os sequenciadores e, além disso, é nela que predominaram os usos mais genéricos e abstratos da forma, isto é, aqueles usos que representam seus estágios mais avançados de gramaticalização como conecte sequenciador, com menor persistência de propriedades ligadas às suas fontes dístico-anafóricas de natureza mais concreta. Na fala dos demais micro-cosmos éteos considerados, a utilização do *dei* é predominante em contextos que manifestam tal propriedades, e bastante infrequente nos demais. Portanto, o super uso do *dei* pelos pré-adolescentes deve ter contribuido para que um número maior de contextos passasse a ser vinculado com frequência a seu aparecimento (cf. Turvanto 2003) para observar como foi feito o controle de traços contextuais mais e menos vinculados aos usos fontes de *e, ai, dei* e *então* e como, por meio de tratamento estatístico, as direções da mudança funcional puderam ser mapeadas.

154 155